

**IMORTAIS DA ACADEMIA**  
**EPISÓDIO 31 – HISTÓRIAS PARA TODOS OS GOSTOS**

**00:00:32:20**

**ABERTURA**

**00:00:37:13**

**OFF**

Quarenta cadeiras que acolhem passado e presente,  
Arte e ciência, pensamento e memória,  
Legando o que há de mais notável na literatura brasileira.  
A cada episódio, uma cadeira a revelar gerações de brasis.  
Sob o teto da Academia Brasileira de Letras,  
Assenta-se o nobre e glorioso domínio da imortalidade.

**VIDEOGRAFISMO – Imortais da Academia**

**00:01:33:15**

**MERVAL PEREIRA – Atual ocupante da Cadeira 31**

Eu nunca pensei que eu fosse viver esse momento que a gente tá vivendo hoje no jornalismo. Então o jornalismo digital está em tamanha evidência e as dificuldades que o jornalismo impresso tá passando. Principalmente a questão econômica, porque a questão de prestígio, ainda é do jornalismo impresso.

**00:02:07:26**

**VIDEOGRAFISMO – Cadeira 31: Histórias para todos os gostos**

**00:02:15:02**

**MERVAL PEREIRA – Atual ocupante da Cadeira 31**

Eu comecei no jornalismo simplesmente porque eu não tinha outro interesse que não fosse ler, escrever. Eu fazia crônicas pra mim mesmo e tal. Tinha um grupo de amigos que escreviam poesias, crônicas e tal. E, gostava muito de ler. E não me via fazendo nada além disso. Economia. Fiz faculdade de direito e parei no primeiro ano porque eu já estava trabalhando em jornal, e aí quando saiu a lei que quem estava trabalhando podia se registrar como profissional sem precisar fazer nenhum tipo de teste, exame, eu entrei. Desisti do direito. Mas o que me chamava atenção no jornalismo era exatamente isso, era você acompanhar a vida do país e tal. Mas eu nunca, eu não tinha ideia de cobrir política. Eu não tinha ideia de, eu gostei muito da fase que eu fiz polícia. Porque eram dramas humanos e eu tinha a oportunidade de contar e foi muito interessante, muito bom. Conhecer pessoas diferentes, andar por lugares diferentes, eu era um garoto da Zona Sul, e frequentei delegacia, morro. O jornal é uma coisa de vida, tem todos, a redação tem todos os setores da sociedade, lida com a vida cotidiana e tal, e não é atoa que vários dos nossos grandes escritores e teatrólogos são jornalistas, como os da minha cadeira, que por coincidência tem vários jornalistas. É por isso, porque jornal é uma coisa viva, e eu nunca pensei em fazer política exatamente. Eu pensava em futebol, gosto muito de futebol, e trabalhei em esportes durante um período, conheci o Garrincha na decadência do Garrincha, jogando pelo Bangu. Eu fui fazer uma reportagem exatamente no primeiro jogo do Garrincha no Bangu, no final de carreira. Então foi uma experiência emocionante e deu um texto legal, e tal. Eu desde que comecei a fazer a coluna, tinha a ideia

de fazer. Eu sempre tive essa ideia de fazer a coluna. Eu era jornalista, fui editor do “O Globo”. Eu estou no “O Globo” desde 68. Minha coluna é uma coluna de opinião. Então, muita gente reclama que eu não sou imparcial. Mas, eu não sou imparcial. Eu não acho que a coluna tenha que ser imparcial. A coluna não pode é distorcer fatos. Mas, todo mundo tem uma visão do que está acontecendo, e eu tenho a minha visão própria e tal. Mas, além disso eu queria que a coluna fosse um lugar de debates sobre o país. Eu gostaria e acho que consigo, que as pessoas lessem a minha coluna e raciocinassem sobre o que está acontecendo. Dentro do meu ponto de vista. É claro que eu encaminho o raciocínio do leitor para o ponto de vista que eu acho que é o correto. Eu acho que esse é o papel do colunista. Não é ser imparcial. Ser imparcial é o jornal que tem que ser imparcial, e às vezes nem precisa ser, nem tem que ser. O jornal tem todo direito de ter uma opinião no editorial, mas também na manchete, o jornal pode encaminhar o seu pensamento, desde que não distorça, desde que não mistifique.

### **Merval Pereira – Posse em 2011**

#### **00:06:19:15**

Quase todos os antecessores de Merval na cadeira 31, como ele, tiveram jornais em seus currículos. Um foi Moacyr Scliar, mas, nesse caso, foi a literatura a inquestionável origem de sua notoriedade. Com mais de 70 títulos, de diferentes gêneros, Moacyr bebeu das próprias raízes para fazer-se universal.

#### **00:06:46:21**

#### **REGINA ZIBERMAN – Escritora e Professora**

O Moacyr ele tem um, ele não foi o primeiro escritor judeu a escrever sobre judaísmo. Ele também não foi o primeiro escritor rio-grandense a trabalhar com a história do Rio Grande do Sul, principalmente com as questões das migrações, da formação étnica do Rio Grande do Sul. Mas talvez ele tenha sido o escritor que melhor agregou esses elementos. E deu mais familiaridade o tema judaico na literatura. Então o Moacyr tem esse papel fundacional em relação ao tema do judaísmo na literatura brasileira. Isso no Rio Grande do Sul se incorpora uma tendência que já vem do século 19, mas se intensifica no século 20, sobretudo com Érico Veríssimo, de dar uma configuração literária a história do estado, e sobretudo das correntes migratórias. Nós temos vários escritores que trabalharam isso, o Érico foi o pioneiro, enquanto uma obra assim, de renome nacional, mais consistente. E o Moacyr então se integrou a esse grupo que nos anos 70 deu consistência ao tema. No caso do Moacyr foram os imigrantes judeus, José Guimarães em relação aos alemães, Assis Brasil em relação aos açorianos, e assim por diante. Isso também deu uma unidade a literatura do Rio Grande do Sul. E essa é então uma das marcas, porque é quase que uma geração toda tentando pensar suas raízes, e no caso do Moacyr essas raízes se vinculam realmente a sua história de vida, a história da sua família. Como nos outros casos um pouco também. Mas no caso dele talvez com mais evidência porque ele fez questão de declarar isso na obra, declarar nas suas entrevistas e assim por diante, crônicas e tudo.

### **Moacyr Scliar – Posse em 2005**

**00:08:29:19**

“Ao crepúsculo, uma luz mágica, dourada, iluminava o Bom Fim. Nesse bairro, nesse pequeno país, a esta luz, Chagall teria visto os violinistas em lento vôo sobre os telhados; eram quatro; três, quem seriam? O quarto era Nathan, filho de Samuel e Shendl e irmão de Joel; Nathan, que teve uma hemoptise tocando *A idische Mame* e caiu morto sobre a estante. Esses violinistas nunca mais foram vistos; desapareceram durante a guerra (...). O Bom Fim está hoje cheio de altos edifícios, mas nos desvãos que os separam é possível, em certas noites, ouvir-se sons de violino.”

### **A guerra no bom fim – Moacyr Scliar**

**00:09:31:12**

#### **REGINA ZIBERMAN – Escritora e Professora**

As obras de Scliar que foram traduzidas, a maior parte delas são as obras de temática judaica. “A estranha nação de Rafael Mendes” eu acho que abriu um pouco, e já é dos anos 80, que abriu esse caminho. E pode-se dizer que é a marca mais forte, mas não é a única, não é a única. Ele é um escritor que pensa muito a sociedade brasileira, a formação social brasileira. Ele tem escritos para crianças. Ele tem uma obra também diversificada, não apenas no campo do romance, mas também no conto, na crônica. O Scliar é um escritor com enorme facilidade para escrever. Aquilo parece que brotava dele. A imaginação dele era uma coisa impressionante. Se a gente ler os livros, a gente vai ver a diversidade de histórias que ele conta. São histórias, não é sempre a mesma história, não é frequentemente a mesma história não. Cada livro é uma história completamente diferente, e as vezes muito criativo, muito original. A gente não pensaria. Ele realmente tinha uma fertilidade de ideias e de imaginação que é raro. De outra parte algumas leituras, alguns autores eu acho, principalmente autores judeus, deram, vamos dizer assim, a segurança de que aquilo que vinha da imaginação dele era literatura. E aí eu acho que um nome fundamental é o Kafka. O Kafka, quer dizer, o Kafka que foi um escritor, e que essa questão do imaginário esteve muito presente, enfim, foi o criador da literatura de absurdo. O que diferencia o Moacyr do Kafka, é que no Kafka isso é extremamente angustiante, é uma coisa sofrida, uma coisa assim quase niilista. E o Moacyr era um homem otimista. Era um homem otimista. Ele acreditava realmente na possibilidade da revolução, da transformação da sociedade, nem que fosse pelo lado da cultura. Não precisava mudar o mundo, não. Não precisava transformar a sociedade X numa sociedade Y, mas era importante que a cultura ajudasse a transformação das pessoas, que as pessoas se motivassem a uma mudança social.

Franz Kafka – Escritor tcheco

**00:11:52:19**

VINHETA – Estamos apresentando

**00:12:11:15**

VINHETA – Voltamos apresentar

**00:12:20:07**

**OFF**

Na década de 1930, a cadeira 31 da ABL acolheu Cassiano Ricardo.

Um homem que passou por muitas fases, tanto na vida como no estilo literário.

**00:12:33:07**

**AUGUSTO MASSI – Doutor em literatura brasileira**

O Cassiano Ricardo talvez seja um autor um pouco injustiçado. Porque ele tem um lado muito progressista e tem um lado conservador. Então, vamos dizer, vários autores do modernismo paulista, eles foram modernistas, mas depois não conseguiram continuar sendo modernos. É diferente você ser um autor moderno e ser um autor modernista. O modernista está circunscrito aquele movimento, naquele período. Então, Menotti Del Picchia, Guilherme de Almeida, Cassiano Ricardo, foram escritores modernistas. Estavam ligados a Semana como Mario de Andrade, como Oswald de Andrade, participaram das publicações Klaxon, das revistas importantes, militaram a favor da Semana de Arte Moderna. Mas, de 22 a 30 vários grupos que estavam ligados nessa ótica modernista, foram começando a romper aquela frente ampla contra os conservadores. Inicialmente eles queriam lutar contra a literatura do passado e afirmar uma literatura nova. Mas eles eram jovens também. Então, a medida que eles foram envelhecendo, logo Guilherme de Almeida, por exemplo, entrou na Academia. Logo depois também o Cassiano vai. Todos eles foram indo para um academicismo moderno, que já não é então esse escritor moderno por excelência. O Drummond evitou, o Mario evitou, o Oswald de Andrade. O Bandeira entrou, mas o Bandeira no caso de alguém que tinha um problema assim até de saúde, sozinho, perdeu todos os elementos da família, os seres mais queridos. Aquilo pra ele foi uma coisa, sendo um autor moderno, ele acabou entrando na Academia. E o Guilherme de Almeida, o Cassiano e o Menotti, eles namoraram sempre correntes um pouco conservadoras. As vezes era o grupo integralista antes de se formalizar como integralismo. Era o grupo ANTA. Cassiano estava na ótica desse grupo ANTA, e Menotti também. Passados os anos 30 com a revolução de 30, eles foram paulistas que aderiram um pouco de alguma maneira a um ideário do Getúlio. Eles trabalharam em jornais que tinham afinidades com Getúlio. Todos os outros modernistas se alinharam contra o Getúlio. Então o Cassiano particularmente aí, o que aconteceu? Eu acho que ele foi se alinhando, no sentido que dirigiu jornais importantes, todo um grupo ligado a noite, que tinham revistas, jornais, e dirigiu esses jornais no período do Getúlio. No entanto, quando a gente falava “Bom, agora ele vai virar realmente um cara conservador.”, ele começa a surpreender no final dos anos 40 para os anos 50, ele começa a publicar uma poesia de novo um pouco mais arrojada. Tanto que Oswald de Andrade, que tinha aderido a uma posição de esquerda, que criticava um pouco o Cassiano, ele no final da vida dele ele dá entrevista falando, o Cassiano que voltou a rejuvenescer, a publicar livros importantes e tal, e ainda nos anos 60, quando surge o concretismo, ele se interessa também pelo concretismo. Então ele fez algumas coisas, escreveu muito ensaios, tem livros de ensaios dentro dessa linha, e ele voltou a ser entre aspas, eu diria assim, mais respeitado novamente.

**Cassiano Ricardo – Posse em 1937**

**00:16:15:17**

“Não fui quem sou, quando nasci.

Nem sou quem sou, quando amo.

Nem quando sofro.

Porque coexisto. Porque a angústia  
é uma herança.

Só me aproximo de mim mesmo  
quando fujo,  
atravesso a fronteira,  
ou me defendo, ou fico triste.

Ou quando sinto a rosa  
secreta e quente da vergonha  
subir-me à face.

O mar me bate à porta,  
como um grito da origem.  
Mas como descobrir  
a onda imemorial que me trouxe?"

### **Imemorial**

**Cassiano Ricardo em *Um dia depois do outro***

**00:16:57:05**

#### **AUGUSTO MASSI – Doutor em literatura brasileira**

No final da vida, nos últimos anos da vida dele, ele passou a aderir a uma posição, que acho que ele recuperou aquele Cassiano Ricardo inicial. Mas obviamente em termos dos estudos literários, você vai nas universidades, todo mundo hoje estuda o Bandeira, todo mundo estudo o Drummond, todo mundo estuda o Murilo Mendes, Jorge de Lima, Cecília. Jorge de Lima e Cecília menos, mas o Cassiano Ricardo nada. Então, isso é um erro, é uma injustiça porque ele tem poemas que são muito bonitos. Ele tem poemas falando realmente do ponto de vista assim, inclusive da vida moderna, dos arranha céus, da vida política, a moça que está bebendo o café, e tem essa ligação da história de São Paulo e a importância do café. Ele é um poeta que se você deixar de lado, você perde coisas que são importantes. Mas ele não é um poeta que estaria no centro da ideia do que a gente chama que é a nossa poesia moderna.

**00:18:00:12**

Logo após Cassiano Ricardo, veio outro acadêmico que se dividiu entre a imprensa e os romances: José Cândido de Carvalho.

O autor do célebre “O coronel e o lobisomem” eternizou os embates entre campo e cidade na voz do Coronel Ponciano.

**00:18:22:00**

#### **ERNANDES FERNANDES - Professor**

O “Coronel e o Lobisomem” é a obra do José Cândido de Carvalho. É o maior assim sucesso de todos os livros dele, de público, de reconhecimento, e até mesmo também de uma obra mais sólida, consolidada. É um grande livro, mesmo em termo físico, um livro de grande alcance. E o restante da obra dele é muito mais caracterizado por crônicas e pequenos contos. São coisas as vezes maravilhosas e muito pertinentes, mas o livro tem, eternizou-se inclusive por conta disso, pela alta qualidade que ele tem. Equiparado inclusive em muitas situações aos grandes romances brasileiros. Quase impossível não se lembrar de Grande Sertões Veredas, e lembrar de Quincas Borba, de belos e grandes livros brasileiros. Ou seja, ele está equiparado de algum outro ponto de vista, ele apareceu, digamos assim, repentinamente, não que ele não fosse já um escritor ou não trabalhasse nessa área, mas assim o aparecimento do “O Coronel e o lobisomem” faz assim uma grande surpresa para a intelectualidade, pra tudo, e até mesmo para a vida do José Cândido. Inclusive ele é um, no princípio era um conjugado de contos. Ele é muito conhecido por ser um sucinto contador de histórias.

**00:19:57:12**

**José Cândido de Carvalho – Posse em 1974**

Sou apenas um escritor que procura colocar em livros a fala do povo. Sei que esse é o meu grande mérito.

**00:19:57:12**

**ERNANDES FERNANDES - Professor**

Mas ele no “O Coronel e o lobisomem” ele desenvolveu em termos, o mesmo tema, da mesma região, do mesmo personagem, uma série de contos que ele em alguma hora resolveu transforma-los em livro.

**00:20:25:10**

“A bem dizer, sou Ponciano de Azeredo Furtado, coronel de patente, do que tenho honra e faço alarde. Herdei do meu avô Simeão terras de muitas medidas, gado do mais gordo, pasto do mais fino. Leio no corrente da vista e até uns latins arranhei em tempos verdes de infância, com uns padres-mestres a dez tostões por mês. Digo, modéstia de lado, que já discuti e joguei no assoalho do Foro mais de um doutor formado. Mas disso não faço glória, pois sou sujeito lavado de vaidade, mimoso no trato, de palavra educada. Já morreu o antigamente em que Ponciano mandava saber nos ermos se havia um caso de lobisomem a sanar ou pronta justiça a administrar.

**O coronel e o lobisomem**

**José Cândido de Carvalho**

**00:21:27:27**

**ERNANDES FERNANDES - Professor**

O que eu admiro no José Cândido de Carvalho é um certo humor, um grande humor aliás, uma situação de sarcasmos e de crítica em que ele através disso faz ver diversos panoramas a obra, principalmente em “O Coronel e o lobisomem”. Ele mostra muito a transferência do meio rural pro meio urbano no Brasil, com grande propriedade, um assunto que tem grande importância e tem grandes exemplos em literatura nesse momento brasileiro. Ele também retrata muitíssimo bem as situações de personagens e pessoas e ligações entre elas, e sempre com um grande, uma grande, resulta numa grande forma crítica, tem um teor de uma certa tristeza e decadência, e uma melancolia muito grande em relação, digamos assim, ao futuro. O coronel representa um estágio brasileiro não muito glorioso, ou pelo menos dentro daquelas características ele traz umas glórias do passado, nunca reconhecidas ou comprovadas, e mostra um final ou uma passagem muito difícil pra situação econômica do Brasil e social. Por outro lado, pelo lado literário, ele é um grande criador de metáforas, palavras, simbologias, expressões. Muitas pessoas fazem comparações sobre ele e o Guimarães Rosa, que alguma hora penso, nem me lembro, ele se dizia que não era o inventor de palavras, ele era um trocador de locais de palavras.

**José Guimarães Rosa – Posse em 1967**

**00:23:25:15**

**OFF**

Só de uma regalia não abri mão nesses anos todos de pasto e vento: a de falar alto, sem freio nos dentes, sem medir consideração, seja em compartimento do governo, seja em sala de desembargador. Trato as partes no macio, em jeito de moça. Se não recebo cortesia de igual porte, abro o peito:

- Seu filho de uma égua, que pensa que é?"

**O coronel e o lobisOMEM**

**José Cândido de Carvalho**

**00:23:56:17**

**VIDEOGRAFISMO**

Cadeira 31

Patrono – Pedro Luís

Fundador – Guimarães Júnior

João Ribeiro

Paulo Setúbal

Cassiano Ricardo

José Cândido de Carvalho

Geraldo França de Lima

Moacyr Scliar

Atual – Merval Pereira